

Relações entre cultura e educomunicação para o enfrentamento da violência sexual na Amazônia

Relations between culture and communication to the fight against sexual violence in the Amazon

Las relaciones entre cultura y educomunicación para combatir la violencia sexual en la Amazonía

Danila Gentil Rodriguez Cal

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com pós-doutorado em Mídia e Esfera Pública pela mesma instituição. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA).

Contato: danilagentilcal@gmail.com

Waldeir Paiva

Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade da Amazônia (UNAMA).

Contato: waldeirpaiva@yahoo.com.br

Sheila Fernandes

Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Bolsista de Aperfeiçoamento da Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia (FIDESA).

Contato: sheilamf07@gmail.com

Artigo enviado em 16/04/2016

Aprovado em 01/07/2016

Resumo

Este trabalho investiga a relação entre cultura e educomunicação no enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes no contexto amazônico. Focamos a investigação no material educacional produzido pela ONG Rádio Margarida e realizamos pesquisa de campo, por meio de grupo focal, com casais de uma comunidade ribeirinha do município de Melgaço (Marajó/PA) para identificar como eles interagem com os conteúdos e com a linguagem desses produtos criados para estimular a mobilização social contra a violência sexual. Concluímos que a utilização de uma linguagem baseada na cultura amazônica foi determinante na interação e para estimular a discussão sobre violência sexual.

Palavras-chave: Educomunicação. Violência Sexual. Cultura Amazônica. Melgaço (PA). Grupo Focal.

Resumen

Este trabajo investiga la relación entre la cultura y la educación en la lucha contra la violencia sexual contra los niños y adolescentes en la región amazónica. Nos centramos en la investigación de los materiales educacionales producidos por ONG Radio Margarida y la investigación de campo llevada a cabo a través de grupo focal con las parejas de una comunidad de pesca en el municipio de Melgaço (Marajó/PA) para identificar la forma en que interactúan con el contenido y el lenguaje estos productos diseñados para estimular la movilización social contra la violencia sexual. Llegamos a la conclusión de que el uso de un lenguaje basado en la cultura amazónica fue decisivo en la interacción y para estimular el debate sobre la violencia sexual.

Palabras clave: Educación. Violencia sexual. Cultura amazónica. Melgaço (PA). Grupo focal.

Abstract

This paper investigates the relationship between culture and education in combating sexual violence against children and adolescents in the Amazon context. We focus on research educational material (radio soap opera, video and radio spot) produced by the NGO Radio Margarida and conducted field research through focus groups, with couples that live in the riverside community in the city of Melgaço (Marajó/PA) to identify how they interact with the content and the language of these products designed to stimulate social mobilization against sexual violence. We conclude that the use of a language based on Amazonian culture was decisive in the interaction and to stimulate discussion on sexual violence.

Keywords: Education. Sexual Violence. Amazon Culture. Melgaço (PA). Focus Group.



Introdução

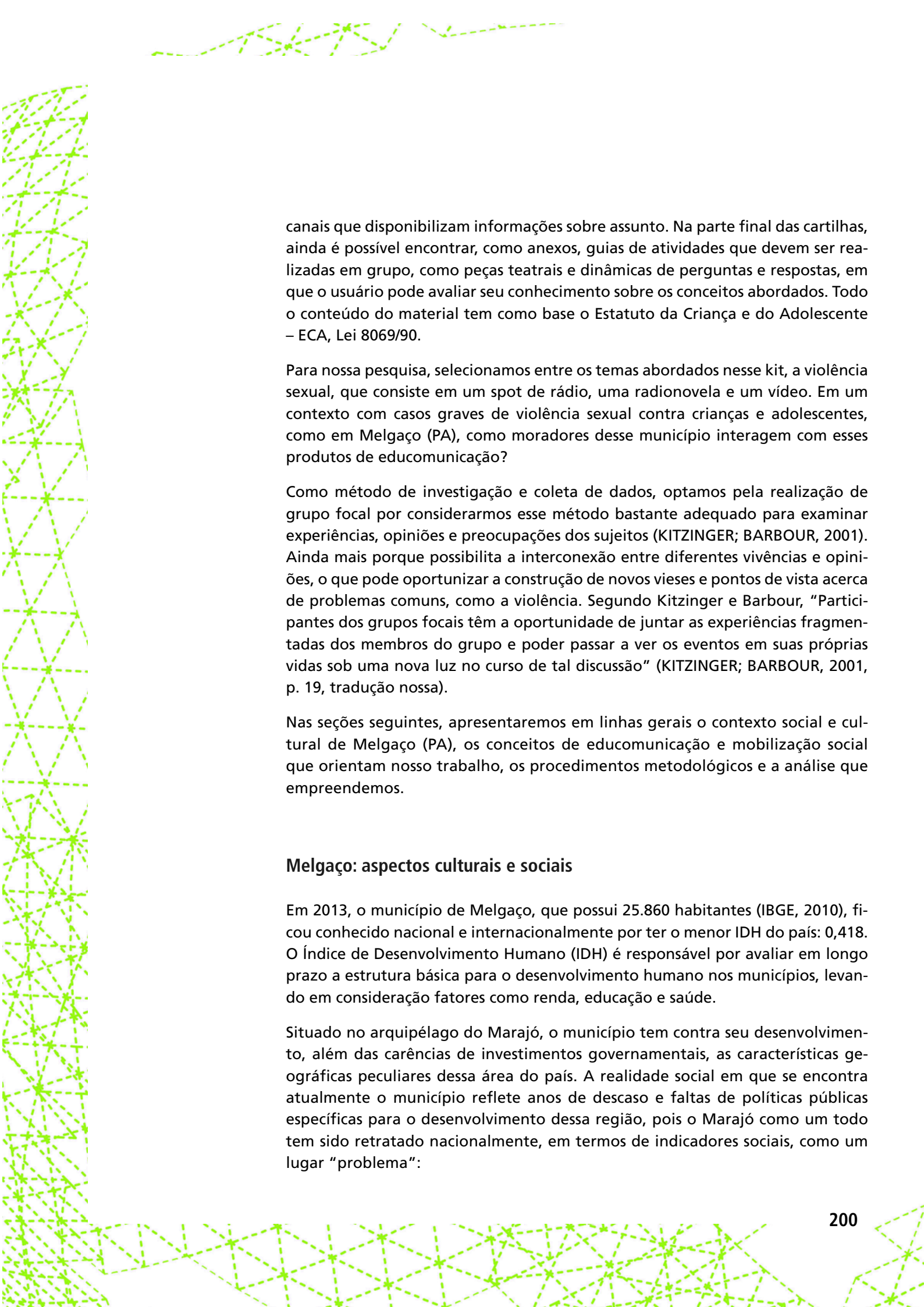
“A margem do rio, entre o rio e a floresta, é o lugar privilegiado dos enigmas da Amazônia transfigurados em enigmas do mundo. Oferece interrogações sobre origens e destinos. É onde o rio deságua no imaginário” (PAES LOUREIRO, 2003). O imaginário amazônico, segundo o pesquisador e poeta Paes Loureiro, guarda uma estreita relação com a proximidade entre o sujeito da Amazônia e as águas. Esse imaginário compõe-se e dar a ver, de modo complexo, os ritmos de vida, de uso do tempo, das construções míticas (as Lendas Amazônicas) que circundam o cotidiano dos sujeitos amazônicos, sobretudo, em comunidades ribeirinhas, afastadas dos centros urbanos.

A partir desse contexto cultural, nosso objetivo é analisar como membros de uma comunidade de pescadores de Melgaço, na Ilha do Marajó-PA, interagem com uma iniciativa de educomunicação construída por uma organização não-governamental local para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes. De que forma esse imaginário amazônico repercute no modo como os produtos de educomunicação foram construídos? Quais sentidos sobre violência sexual os sujeitos participantes da pesquisa constroem em interação com esses materiais educacionais? São alguns dos questionamentos que direcionam nossa pesquisa.

A iniciativa de educomunicação que investigamos é a desenvolvida pelo Centro Artístico Cultural Belém Amazônia (CACBA), mais conhecido como ONG Rádio Margarida. É uma organização da sociedade civil com sede em Belém (PA), que atua desde 1991 pela garantia dos direitos de crianças e adolescentes, da educação e da proteção ao meio ambiente. O modelo de educomunicação empregado pela ONG Rádio Margarida busca incorporar os cidadãos a um processo de mobilização social, por meio de ações e produtos artísticos e culturais.

Focamos nossa análise especificamente nos kits educativos produzidos pelo projeto “Radionovelas educativas”, desenvolvido, a partir de 2009, com apoio da Petrobras. O objetivo dessa iniciativa é mobilizar atores sociais e comunidades pelo enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes. O material, constituído por três CDs, um DVD e duas cartilhas, foi desenvolvido com a ajuda de pesquisadores de diferentes áreas, como educadores, psicólogos, advogados, assistentes sociais e comunicadores. Quanto ao conteúdo, o kit aborda a violação dos direitos de crianças e adolescentes, não só em relação à violência sexual, mas também em outras temáticas como o trabalho infantil, crianças e adolescentes portadores de deficiência e adolescentes em conflito com a lei.

Os CDs trazem spots, radionovelas e músicas, enquanto o DVD consiste em vídeos e videoaulas que retratam e abordam a violação de direitos. A função das cartilhas, além de dar subsídio para a utilização dos CDs e DVD, é aprofundar a discussão sobre as temáticas trabalhadas, a partir da indicação de livros e outros



canais que disponibilizam informações sobre assunto. Na parte final das cartilhas, ainda é possível encontrar, como anexos, guias de atividades que devem ser realizadas em grupo, como peças teatrais e dinâmicas de perguntas e respostas, em que o usuário pode avaliar seu conhecimento sobre os conceitos abordados. Todo o conteúdo do material tem como base o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei 8069/90.

Para nossa pesquisa, selecionamos entre os temas abordados nesse kit, a violência sexual, que consiste em um spot de rádio, uma radionovela e um vídeo. Em um contexto com casos graves de violência sexual contra crianças e adolescentes, como em Melgaço (PA), como moradores desse município interagem com esses produtos de educomunicação?

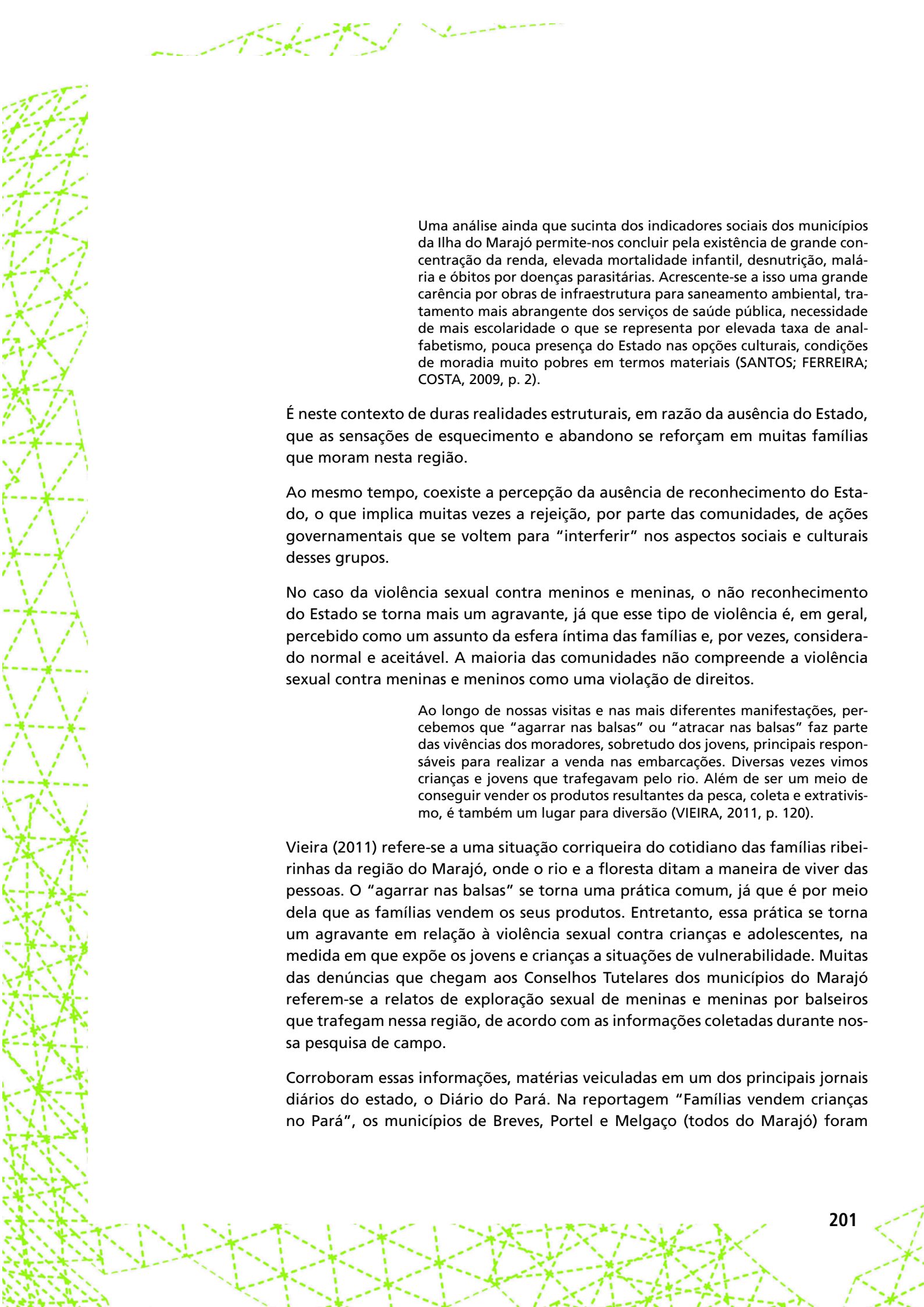
Como método de investigação e coleta de dados, optamos pela realização de grupo focal por considerarmos esse método bastante adequado para examinar experiências, opiniões e preocupações dos sujeitos (KITZINGER; BARBOUR, 2001). Ainda mais porque possibilita a interconexão entre diferentes vivências e opiniões, o que pode oportunizar a construção de novos vieses e pontos de vista acerca de problemas comuns, como a violência. Segundo Kitzinger e Barbour, “Participantes dos grupos focais têm a oportunidade de juntar as experiências fragmentadas dos membros do grupo e poder passar a ver os eventos em suas próprias vidas sob uma nova luz no curso de tal discussão” (KITZINGER; BARBOUR, 2001, p. 19, tradução nossa).

Nas seções seguintes, apresentaremos em linhas gerais o contexto social e cultural de Melgaço (PA), os conceitos de educomunicação e mobilização social que orientam nosso trabalho, os procedimentos metodológicos e a análise que empreendemos.

Melgaço: aspectos culturais e sociais

Em 2013, o município de Melgaço, que possui 25.860 habitantes (IBGE, 2010), ficou conhecido nacional e internacionalmente por ter o menor IDH do país: 0,418. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é responsável por avaliar em longo prazo a estrutura básica para o desenvolvimento humano nos municípios, levando em consideração fatores como renda, educação e saúde.

Situado no arquipélago do Marajó, o município tem contra seu desenvolvimento, além das carências de investimentos governamentais, as características geográficas peculiares dessa área do país. A realidade social em que se encontra atualmente o município reflete anos de descaso e faltas de políticas públicas específicas para o desenvolvimento dessa região, pois o Marajó como um todo tem sido retratado nacionalmente, em termos de indicadores sociais, como um lugar “problema”:



Uma análise ainda que sucinta dos indicadores sociais dos municípios da Ilha do Marajó permite-nos concluir pela existência de grande concentração da renda, elevada mortalidade infantil, desnutrição, malária e óbitos por doenças parasitárias. Acrescente-se a isso uma grande carência por obras de infraestrutura para saneamento ambiental, tratamento mais abrangente dos serviços de saúde pública, necessidade de mais escolaridade o que se representa por elevada taxa de analfabetismo, pouca presença do Estado nas opções culturais, condições de moradia muito pobres em termos materiais (SANTOS; FERREIRA; COSTA, 2009, p. 2).

É neste contexto de duras realidades estruturais, em razão da ausência do Estado, que as sensações de esquecimento e abandono se reforçam em muitas famílias que moram nesta região.

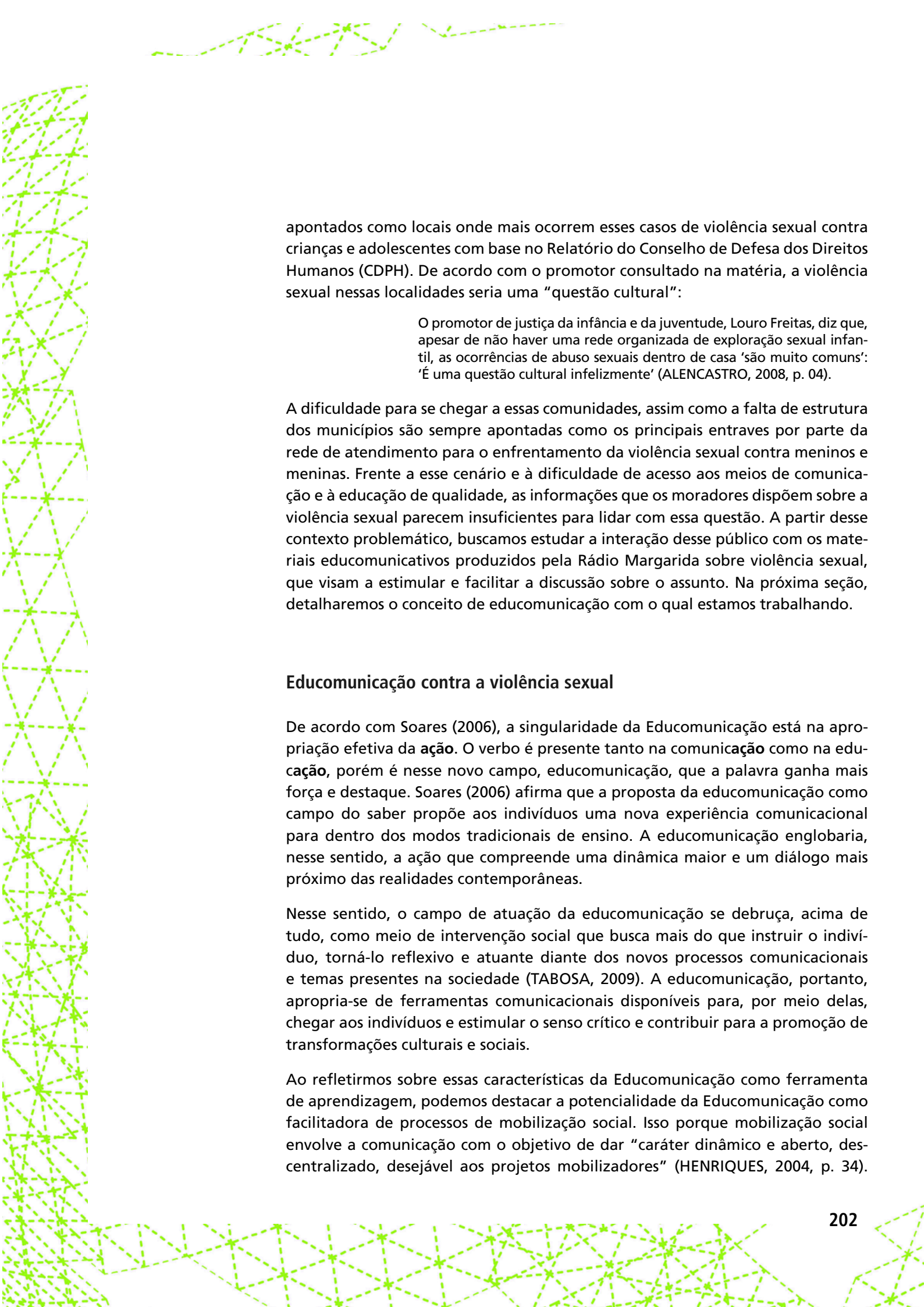
Ao mesmo tempo, coexiste a percepção da ausência de reconhecimento do Estado, o que implica muitas vezes a rejeição, por parte das comunidades, de ações governamentais que se voltem para “interferir” nos aspectos sociais e culturais desses grupos.

No caso da violência sexual contra meninos e meninas, o não reconhecimento do Estado se torna mais um agravante, já que esse tipo de violência é, em geral, percebido como um assunto da esfera íntima das famílias e, por vezes, considerado normal e aceitável. A maioria das comunidades não compreende a violência sexual contra meninas e meninos como uma violação de direitos.

Ao longo de nossas visitas e nas mais diferentes manifestações, percebemos que “agarrar nas balsas” ou “atracar nas balsas” faz parte das vivências dos moradores, sobretudo dos jovens, principais responsáveis para realizar a venda nas embarcações. Diversas vezes vimos crianças e jovens que trafegavam pelo rio. Além de ser um meio de conseguir vender os produtos resultantes da pesca, coleta e extrativismo, é também um lugar para diversão (VIEIRA, 2011, p. 120).

Vieira (2011) refere-se a uma situação corriqueira do cotidiano das famílias ribeirinhas da região do Marajó, onde o rio e a floresta ditam a maneira de viver das pessoas. O “agarrar nas balsas” se torna uma prática comum, já que é por meio dela que as famílias vendem os seus produtos. Entretanto, essa prática se torna um agravante em relação à violência sexual contra crianças e adolescentes, na medida em que expõe os jovens e crianças a situações de vulnerabilidade. Muitas das denúncias que chegam aos Conselhos Tutelares dos municípios do Marajó referem-se a relatos de exploração sexual de meninas e meninas por balseiros que trafegam nessa região, de acordo com as informações coletadas durante nossa pesquisa de campo.

Corroboram essas informações, matérias veiculadas em um dos principais jornais diários do estado, o Diário do Pará. Na reportagem “Famílias vendem crianças no Pará”, os municípios de Breves, Portel e Melgaço (todos do Marajó) foram



apontados como locais onde mais ocorrem esses casos de violência sexual contra crianças e adolescentes com base no Relatório do Conselho de Defesa dos Direitos Humanos (CDPH). De acordo com o promotor consultado na matéria, a violência sexual nessas localidades seria uma “questão cultural”:

O promotor de justiça da infância e da juventude, Louro Freitas, diz que, apesar de não haver uma rede organizada de exploração sexual infantil, as ocorrências de abuso sexuais dentro de casa ‘são muito comuns’: ‘É uma questão cultural infelizmente’ (ALENCASTRO, 2008, p. 04).

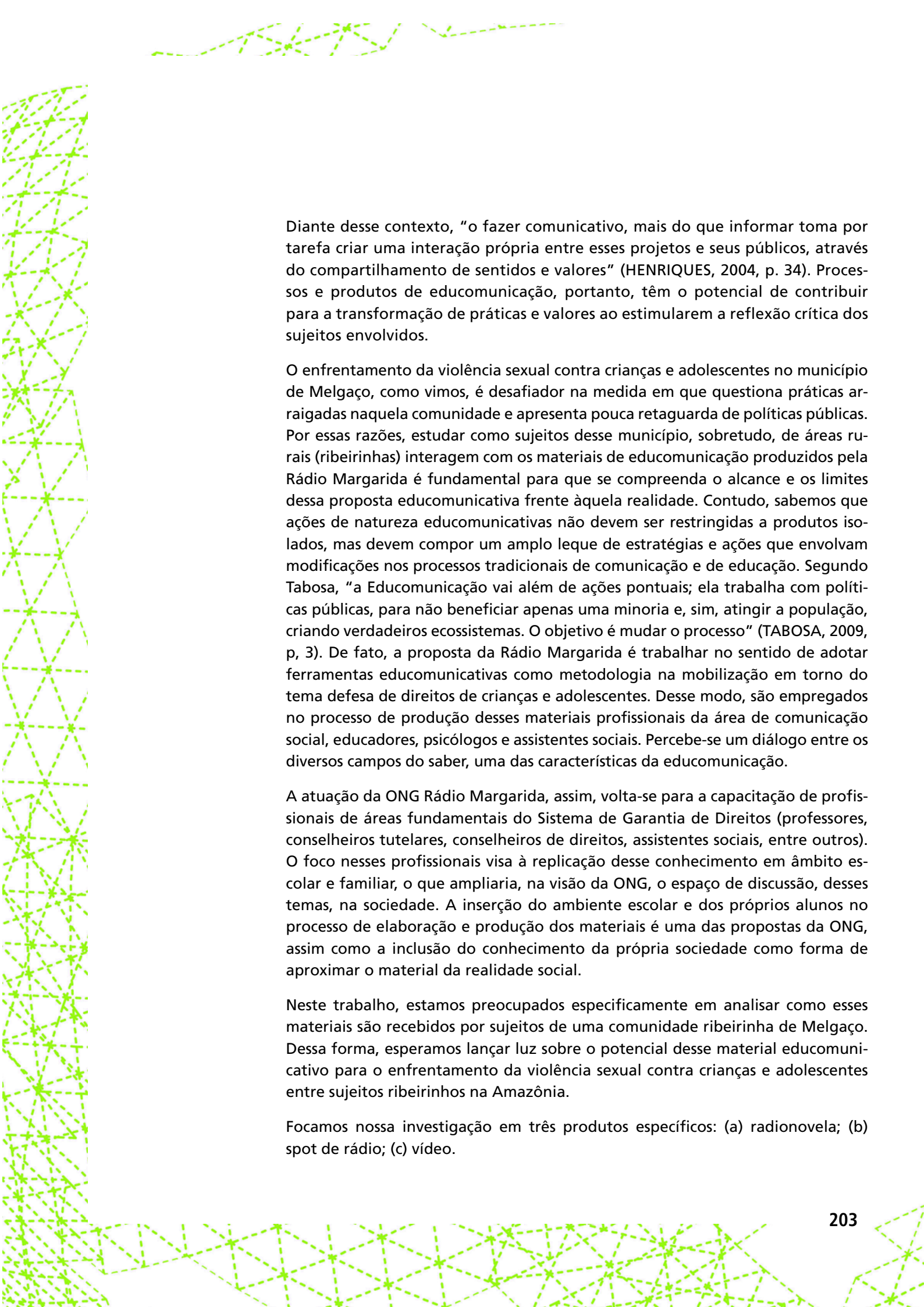
A dificuldade para se chegar a essas comunidades, assim como a falta de estrutura dos municípios são sempre apontadas como os principais entraves por parte da rede de atendimento para o enfrentamento da violência sexual contra meninos e meninas. Frente a esse cenário e à dificuldade de acesso aos meios de comunicação e à educação de qualidade, as informações que os moradores dispõem sobre a violência sexual parecem insuficientes para lidar com essa questão. A partir desse contexto problemático, buscamos estudar a interação desse público com os materiais educacionais produzidos pela Rádio Margarida sobre violência sexual, que visam a estimular e facilitar a discussão sobre o assunto. Na próxima seção, detalharemos o conceito de educação com o qual estamos trabalhando.

Educomunicação contra a violência sexual

De acordo com Soares (2006), a singularidade da Educação está na apropriação efetiva da **ação**. O verbo é presente tanto na **comunicação** como na **educação**, porém é nesse novo campo, educação, que a palavra ganha mais força e destaque. Soares (2006) afirma que a proposta da educação como campo do saber propõe aos indivíduos uma nova experiência comunicacional para dentro dos modos tradicionais de ensino. A educação englobaria, nesse sentido, a ação que compreende uma dinâmica maior e um diálogo mais próximo das realidades contemporâneas.

Nesse sentido, o campo de atuação da educação se debruça, acima de tudo, como meio de intervenção social que busca mais do que instruir o indivíduo, torná-lo reflexivo e atuante diante dos novos processos comunicacionais e temas presentes na sociedade (TABOSA, 2009). A educação, portanto, apropria-se de ferramentas comunicacionais disponíveis para, por meio delas, chegar aos indivíduos e estimular o senso crítico e contribuir para a promoção de transformações culturais e sociais.

Ao refletirmos sobre essas características da Educação como ferramenta de aprendizagem, podemos destacar a potencialidade da Educação como facilitadora de processos de mobilização social. Isso porque mobilização social envolve a comunicação com o objetivo de dar “caráter dinâmico e aberto, descentralizado, desejável aos projetos mobilizadores” (HENRIQUES, 2004, p. 34).



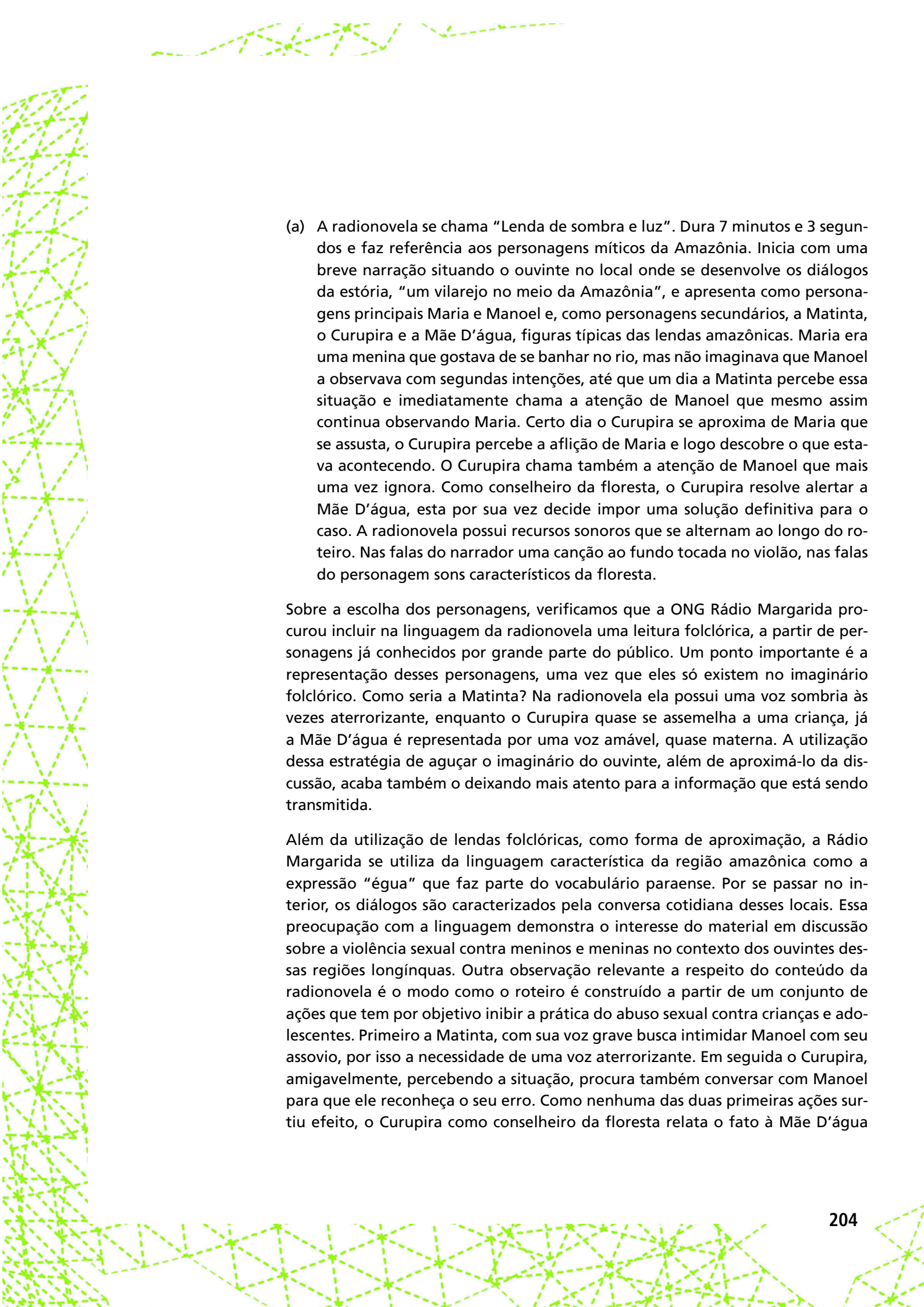
Diante desse contexto, “o fazer comunicativo, mais do que informar toma por tarefa criar uma interação própria entre esses projetos e seus públicos, através do compartilhamento de sentidos e valores” (HENRIQUES, 2004, p. 34). Processos e produtos de educomunicação, portanto, têm o potencial de contribuir para a transformação de práticas e valores ao estimularem a reflexão crítica dos sujeitos envolvidos.

O enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes no município de Melgaço, como vimos, é desafiador na medida em que questiona práticas arraigadas naquela comunidade e apresenta pouca retaguarda de políticas públicas. Por essas razões, estudar como sujeitos desse município, sobretudo, de áreas rurais (ribeirinhas) interagem com os materiais de educomunicação produzidos pela Rádio Margarida é fundamental para que se compreenda o alcance e os limites dessa proposta educucomunicativa frente àquela realidade. Contudo, sabemos que ações de natureza educucomunicativas não devem ser restringidas a produtos isolados, mas devem compor um amplo leque de estratégias e ações que envolvam modificações nos processos tradicionais de comunicação e de educação. Segundo Tabosa, “a Educomunicação vai além de ações pontuais; ela trabalha com políticas públicas, para não beneficiar apenas uma minoria e, sim, atingir a população, criando verdadeiros ecossistemas. O objetivo é mudar o processo” (TABOSA, 2009, p. 3). De fato, a proposta da Rádio Margarida é trabalhar no sentido de adotar ferramentas educucomunicativas como metodologia na mobilização em torno do tema defesa de direitos de crianças e adolescentes. Desse modo, são empregados no processo de produção desses materiais profissionais da área de comunicação social, educadores, psicólogos e assistentes sociais. Percebe-se um diálogo entre os diversos campos do saber, uma das características da educomunicação.

A atuação da ONG Rádio Margarida, assim, volta-se para a capacitação de profissionais de áreas fundamentais do Sistema de Garantia de Direitos (professores, conselheiros tutelares, conselheiros de direitos, assistentes sociais, entre outros). O foco nesses profissionais visa à replicação desse conhecimento em âmbito escolar e familiar, o que ampliaria, na visão da ONG, o espaço de discussão, desses temas, na sociedade. A inserção do ambiente escolar e dos próprios alunos no processo de elaboração e produção dos materiais é uma das propostas da ONG, assim como a inclusão do conhecimento da própria sociedade como forma de aproximar o material da realidade social.

Neste trabalho, estamos preocupados especificamente em analisar como esses materiais são recebidos por sujeitos de uma comunidade ribeirinha de Melgaço. Dessa forma, esperamos lançar luz sobre o potencial desse material educucomunicativo para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes entre sujeitos ribeirinhos na Amazônia.

Focamos nossa investigação em três produtos específicos: (a) radionovela; (b) spot de rádio; (c) vídeo.

- 
- (a) A radionovela se chama “Lenda de sombra e luz”. Dura 7 minutos e 3 segundos e faz referência aos personagens míticos da Amazônia. Inicia com uma breve narração situando o ouvinte no local onde se desenvolve os diálogos da estória, “um vilarejo no meio da Amazônia”, e apresenta como personagens principais Maria e Manoel e, como personagens secundários, a Matinta, o Curupira e a Mãe D’água, figuras típicas das lendas amazônicas. Maria era uma menina que gostava de se banhar no rio, mas não imaginava que Manoel a observava com segundas intenções, até que um dia a Matinta percebe essa situação e imediatamente chama a atenção de Manoel que mesmo assim continua observando Maria. Certo dia o Curupira se aproxima de Maria que se assusta, o Curupira percebe a aflição de Maria e logo descobre o que estava acontecendo. O Curupira chama também a atenção de Manoel que mais uma vez ignora. Como conselheiro da floresta, o Curupira resolve alertar a Mãe D’água, esta por sua vez decide impor uma solução definitiva para o caso. A radionovela possui recursos sonoros que se alternam ao longo do roteiro. Nas falas do narrador uma canção ao fundo tocada no violão, nas falas do personagem sons característicos da floresta.

Sobre a escolha dos personagens, verificamos que a ONG Rádio Margarida procurou incluir na linguagem da radionovela uma leitura folclórica, a partir de personagens já conhecidos por grande parte do público. Um ponto importante é a representação desses personagens, uma vez que eles só existem no imaginário folclórico. Como seria a Matinta? Na radionovela ela possui uma voz sombria às vezes aterrorizante, enquanto o Curupira quase se assemelha a uma criança, já a Mãe D’água é representada por uma voz amável, quase materna. A utilização dessa estratégia de aguçar o imaginário do ouvinte, além de aproximá-lo da discussão, acaba também o deixando mais atento para a informação que está sendo transmitida.

Além da utilização de lendas folclóricas, como forma de aproximação, a Rádio Margarida se utiliza da linguagem característica da região amazônica como a expressão “égua” que faz parte do vocabulário paraense. Por se passar no interior, os diálogos são caracterizados pela conversa cotidiana desses locais. Essa preocupação com a linguagem demonstra o interesse do material em discussão sobre a violência sexual contra meninos e meninas no contexto dos ouvintes dessas regiões longínquas. Outra observação relevante a respeito do conteúdo da radionovela é o modo como o roteiro é construído a partir de um conjunto de ações que tem por objetivo inibir a prática do abuso sexual contra crianças e adolescentes. Primeiro a Matinta, com sua voz grave busca intimidar Manoel com seu assovio, por isso a necessidade de uma voz aterrorizante. Em seguida o Curupira, amigavelmente, percebendo a situação, procura também conversar com Manoel para que ele reconheça o seu erro. Como nenhuma das duas primeiras ações surtiu efeito, o Curupira como conselheiro da floresta relata o fato à Mãe D’água

que possui poder de proteger a floresta: “sou a Mãe D’água, protetora de todos os seres. Estou aqui para que nada de mal aconteça com Maria”.

(b) O segundo produto é um spot de rádio, cujo título é “Turismo Sexual”. O material tem duração total de um minuto, incluindo a chamada e assinatura da Rádio Margarida, e se desenvolve a partir do diálogo entre uma madrinha e suas afilhadas, acerca da chegada de um navio tripulado por turistas estrangeiros em uma cidade não especificada. A madrinha sugere que as afilhadas se dirijam à embarcação para que consigam arrumar um namorado rico. Em alguns trechos do material é possível perceber que a situação de exploração sexual abordada não é uma novidade para as afilhadas “mas na semana passada a senhora disse a mesma coisa”, pondera uma delas. Ao final da conversa a madrinha lembra “e não esqueçam meu dinheirinho”.

Pelo tempo curto, as falas são mais rápidas e nelas percebemos certo regionalismo, também é observado um som de fundo que se assemelha à sonoridade do carimbó¹. Não é possível dizer em que cidade a situação retratada está ocorrendo, entretanto, no contexto amazônico em que os rios são vias de tráfego, é comum a chegada de embarcações vindas de diferentes localidades às cidades situadas nas margens dos rios mais movimentados. Também não é explicado o turismo sexual, há apenas uma locução no final do spot enfatizando que a exploração sexual de crianças e adolescentes é crime e que precisa ser denunciado.

(c) O terceiro produto educacional é o vídeo “Quando o silêncio fala” que, com duração de 3 minutos e 33 segundos, aborda a temática do abuso sexual intrafamiliar. A família retratada é constituída por quatro pessoas. Maria, personagem vítima de abuso sexual, é enteeda do agressor. Durante o café da manhã, a menina apresenta um comportamento diferente e não quer se alimentar. Quando a mãe indaga o motivo, a menina se lembra do abuso e como em um sonho a cena é reconstituída. O roteiro é acompanhado de uma trilha sonora de suspense e as cenas são apresentadas em tom escuro.

Um ponto que merece destaque é a proximidade das cenas retratadas com o ambiente familiar, a veracidade com que o abuso sexual é apresentado também contribui para estimular a reflexão sobre o assunto. Não identificamos no vídeo qualquer tentativa de proximidade com a realidade local da região em que a ONG atua, como os aspectos encontrados na radionovela e no spot de rádio. A abordagem, como já mencionamos, é voltada para o cotidiano de uma família qualquer. Talvez seja essa uma tentativa da Rádio Margarida de enfatizar que o abuso sexual contra crianças e adolescentes é uma violação existente muitas vezes dentro da própria família, mas que ainda passa despercebida no dia a dia das relações familiares.

2 Quem atuou como moderadora do grupo foi Sheila Fernandes com o auxílio de Waldeir Paiva.

Sobre a realização do grupo focal

O grupo focal, formado por três casais moradores da Colônia de Pescadores de Melgaço, foi realizado no dia 30 de julho de 2014, na escola Getúlio Vargas, situada na sede do município. A escolha por esse perfil de participantes se deu pelos indícios de que a violência sexual ocorre em maior número dentro das relações familiares, “há estudos que demonstram que grande parte das violações cometidas contra meninos e meninas acontece dentro do ambiente doméstico” (ANDI, 2013, p. 24).

Inicialmente a reunião seria realizada na própria Colônia, distante cerca de 3 km da cidade de Melgaço. No entanto, a falta de energia elétrica inviabilizou o trabalho, já que seriam necessários televisão e um DVD, para veicular a radionovela, o vídeo e o spot. Diante dessa situação, foi realizado o deslocamento dos casais que participariam do grupo focal da Colônia para a cidade. Trabalho esse que se mostrou dificultoso e desafiador, já que consistia em mobilizar os casais para que eles se sentissem motivados a participar da nossa pesquisa e também deixar sua comunidade para fazê-lo.

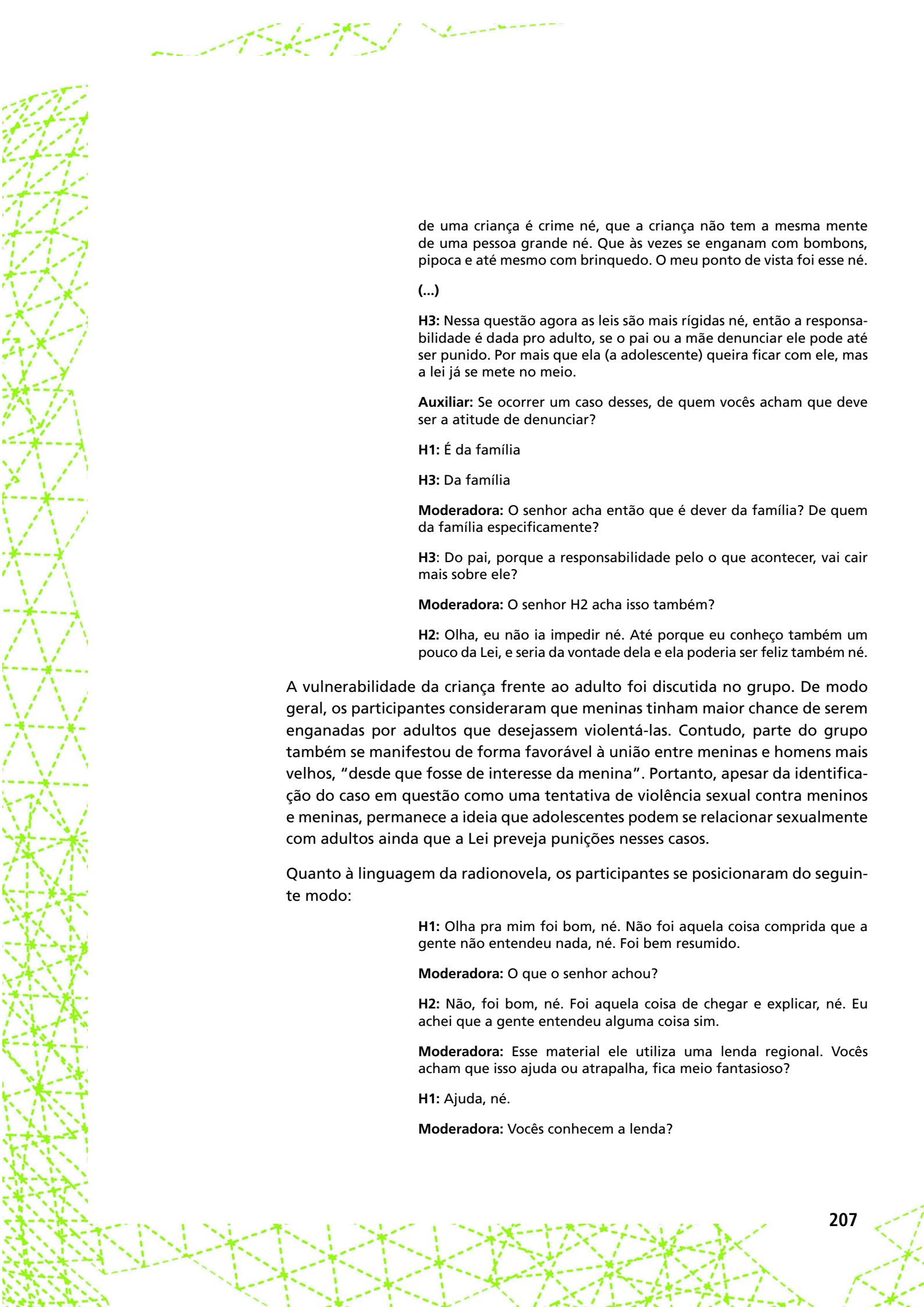
O roteiro do grupo focal foi dividido em dois momentos: apresentação inicial dos participantes e exibição dos materiais educacionais². Como estava previsto no roteiro, de modo que ao final de cada exibição de um material teria início uma rodada de diálogos sobre o tema abordado e sobre o próprio produto exposto.

Sobre o perfil dos participantes, as mulheres tinham como ocupação principal cuidar da casa e dos filhos. Elas, portanto, não exercem atividade remunerada. Os homens, por outro lado, trabalham fora do ambiente doméstico. Dois se declararam pescadores e um afirmou que atuava na extração de madeira. Quanto ao nível de escolaridade, a maioria dos participantes (quatro) não havia concluído o ensino fundamental e dois tinham terminado o ensino médio. Acerca da faixa etária, a idade dos participantes variou entre 21 e 43 anos. Com a finalidade de preservar a identidade dos participantes, identificá-los-emos por meio das letras H (homem) e M (mulher) seguida de um número.

Materiais educacionais na percepção dos participantes

O primeiro produto apresentado aos participantes do grupo focal foi a radionovela educativa, que mistura elementos do imaginário amazônico, como as figuras míticas do Curupira, da Matinta e da Mãe D’água, à insinuação de um caso em que um homem adulto “Manoel”, desejava uma adolescente.

H1: O que eu entendi foi que o cabra tava abusando de uma menina né. E que ele tinha uma idade maior do que a dela, que isso aí, abusar



de uma criança é crime né, que a criança não tem a mesma mente de uma pessoa grande né. Que às vezes se enganam com bombons, pipoca e até mesmo com brinquedo. O meu ponto de vista foi esse né.

(...)

H3: Nessa questão agora as leis são mais rígidas né, então a responsabilidade é dada pro adulto, se o pai ou a mãe denunciar ele pode até ser punido. Por mais que ela (a adolescente) queira ficar com ele, mas a lei já se mete no meio.

Auxiliar: Se ocorrer um caso desses, de quem vocês acham que deve ser a atitude de denunciar?

H1: É da família

H3: Da família

Moderadora: O senhor acha então que é dever da família? De quem da família especificamente?

H3: Do pai, porque a responsabilidade pelo o que acontecer, vai cair mais sobre ele?

Moderadora: O senhor H2 acha isso também?

H2: Olha, eu não ia impedir né. Até porque eu conheço também um pouco da Lei, e seria da vontade dela e ela poderia ser feliz também né.

A vulnerabilidade da criança frente ao adulto foi discutida no grupo. De modo geral, os participantes consideraram que meninas tinham maior chance de serem enganadas por adultos que desejassem violentá-las. Contudo, parte do grupo também se manifestou de forma favorável à união entre meninas e homens mais velhos, “desde que fosse de interesse da menina”. Portanto, apesar da identificação do caso em questão como uma tentativa de violência sexual contra meninos e meninas, permanece a ideia que adolescentes podem se relacionar sexualmente com adultos ainda que a Lei preveja punições nesses casos.

Quanto à linguagem da radionovela, os participantes se posicionaram do seguinte modo:

H1: Olha pra mim foi bom, né. Não foi aquela coisa comprida que a gente não entendeu nada, né. Foi bem resumido.

Moderadora: O que o senhor achou?

H2: Não, foi bom, né. Foi aquela coisa de chegar e explicar, né. Eu achei que a gente entendeu alguma coisa sim.

Moderadora: Esse material ele utiliza uma lenda regional. Vocês acham que isso ajuda ou atrapalha, fica meio fantasioso?

H1: Ajuda, né.

Moderadora: Vocês conhecem a lenda?

H3: Conheço.

M3: Conheço.

H2: Até pra mim foi uma emoção. Porque dentro do diálogo importante dele né, que sobre essa lenda aconteceu um fato que veio me trazer, né, até mesmo um alerta né, um despertar através dessa lenda. Que é uma coisa que me fez, não sei, eu achei espantosa como trouxe essa coisa [assunto] pra perto de mim.

A proximidade das lendas, do imaginário amazônico mobilizado pela radionovela, estimulou uma maior atenção ao conteúdo da violência sexual. A relação dos sujeitos com o rio também é destacada nesse produto educacional, a menina está tomando banho de rio, algo corriqueiro para crianças e adolescentes das áreas ribeirinhas da Amazônia. O tempo de duração da radionovela também foi considerado adequado e suficiente para prender a atenção dos participantes. Em formulário preenchido após o grupo focal, cinco, dos seis participantes, consideraram boa e muito boa a linguagem utilizada na radionovela em razão do diálogo com o contexto sociocultural.

A identificação dos participantes com a utilização das lendas do imaginário amazônico tem uma relação direta com as peculiaridades regionais vivenciadas pelos mesmos. Conforme afirma Paes Loureiro, "A cultura amazônica em que mais predomina a motivação de origem rural-ribeirinha é aquela onde melhor se expressam mais vivas se mantêm as manifestações decorrentes de um imaginário unificador refletido nos mitos [...]" (PAES LOUREIRO, 1960, p, 56). É, assim, a predominância dessa cultura Amazônica ribeirinha que despertou a identificação dos participantes com a radionovela.

Sobre o vídeo que aborda o abuso intrafamiliar, os participantes o consideraram muito forte:

H3: Eu acho que esse tipo de situação ocorre sim né, isso é feio, mas ocorre sim. Isso é uma coisa que ninguém deve aceitar de acontecer né. Essa realidade forte né.

Moderadora: O senhor achou forte o vídeo?

Achei né.

Moderadora: E o senhor?

H1: O vídeo já mostra a realidade que acontece né. O que o vídeo mostra pode acontecer com o pai né ai no vídeo, com tio também. Eu nunca vi acontecer, mas a gente vê na TV né, na cidade também né que a gente mora.

Moderadora: Vocês acham que esse vídeo assim pode ser mostrado para as crianças na escola ou ele é mais interessante para os pais?

H2: Esse vídeo pode ser mostrado pras crianças porque é um alerta né, na minha opinião né, porque um tem uma opinião o outro tem outra né, eu vejo assim como uma alerta na minha opinião.

Moderadora: E o senhor?

H3: É muito forte pra crianças né. (...)

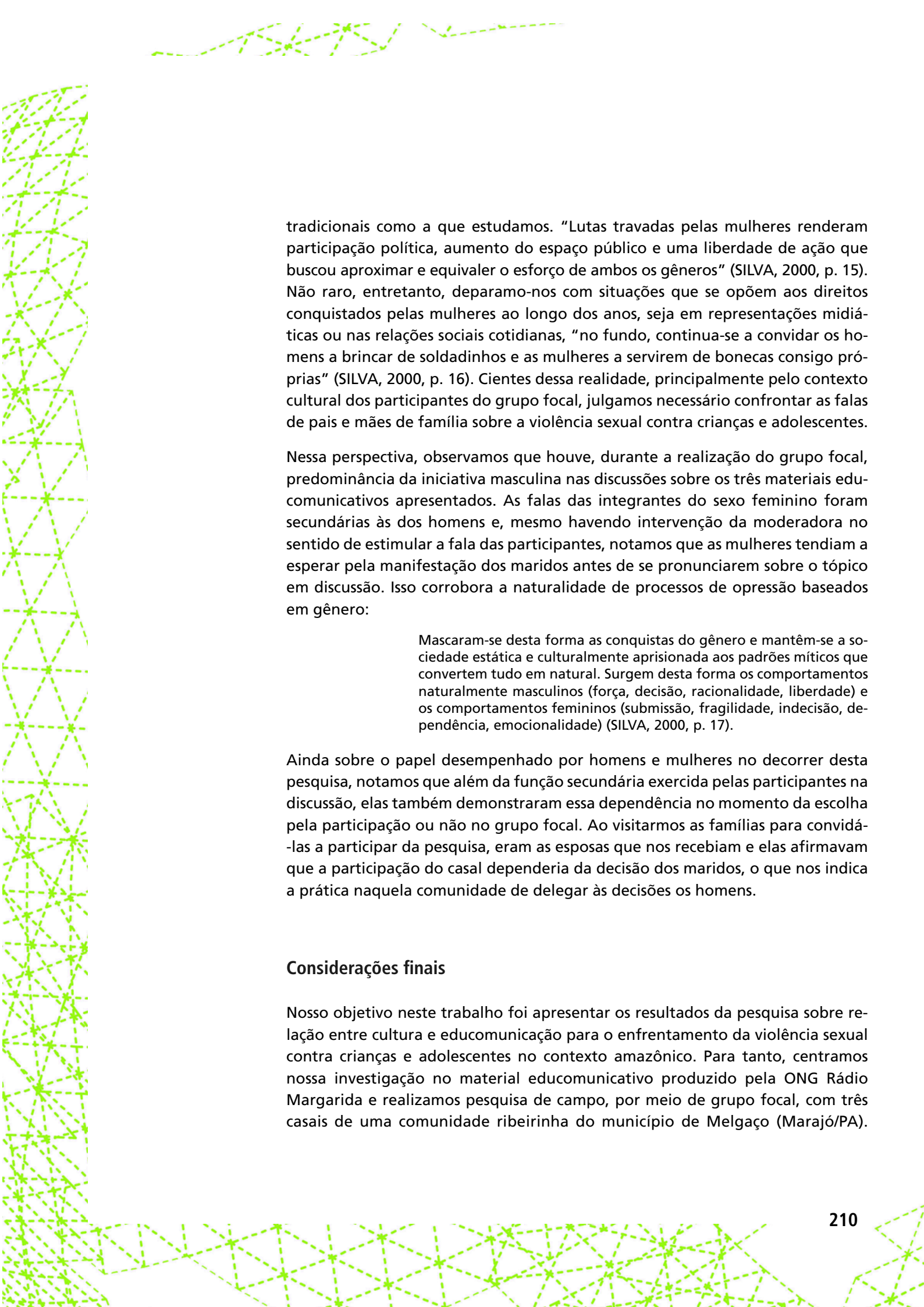
M1: Pra mim deve ser mostrado para as crianças, pelo menos pra eles verem que acontece né. Como assim, na minha opinião, porque criança, tá certo pra eles verem como deve ser as pessoas diferentes, né. Tem que saber que as pessoas fazem coisas erradas, aí não sei também dos outros aqui né. Assim é por causa deles verem como se trata as pessoas dentro de casa né, como se tratam o pai e a mãe, até mesmo porque os meus filhos são todos homem dentro de casa, mas isso aí não acontece só com menina mulher. Acontece também com menino homem.

Verificamos que, no vídeo, a construção de um ambiente familiar cotidiano foi o elemento mais mencionado pelos participantes na discussão sobre o material. Eles classificaram as imagens do vídeo como “fortes” por exporem uma situação que ocorre, mas que é ao mesmo tempo difícil, para eles, de ser visualizada no ambiente familiar. O “forte” nesse sentido, refere-se à exposição de uma problemática que deveria na opinião deles ficar restrita à família. Essa perspectiva é sustentada por uma cultura patriarcal e machista que defende a não intromissão no âmbito privado. De acordo com Mansbridge, “essa defesa existe simplesmente para dizer que o que acontece na família, ou na esfera íntima, não deve ser objeto de discussão pública” (MANSBRIDGE, 1999, p. 225, tradução nossa).

É pertinente ressaltar que apenas um dos participantes achou a linguagem do material apropriada e, embora o material tenha sido considerado insuficiente para explicar a temática da violência sexual por não apresentar um desfecho do caso, ou seja, o agressor sendo denunciado, avaliamos que ele foi capaz de suscitar no grupo uma reflexão sobre a existência desse tipo de violência e estimulá-los a buscar outras informações sobre o assunto.

De modo distinto ao verificado na percepção dos dois primeiros produtos comunicativos, o spot de rádio não teve muita repercussão e não contribuiu para discussão sobre a violência sexual. Foram apontados como pontos negativos a rapidez com que o assunto turismo sexual é exposto, além da grande variedade de áudios e sons empregados em um curto espaço tempo, o que fez com os participantes tivessem a sensação de ruído constante. Apesar de retratar uma situação comum – o “agarrar nas balsas”, quando crianças e adolescentes entram nos barcos e balsas para comercializar produtos, o que, por vezes, favorece a violência sexual contra esse público –, a história apresentada no spot sobre a chegada de um navio e o interesse de uma mulher em levar as afilhadas para buscarem namorado lá, não dialogou com o cotidiano dos sujeitos participantes. Tão pouco, a linguagem do spot facilitou esse aproximação.

Sobre o processo de interação no grupo focal, percebemos uma significativa divisão de gênero, bastante enraizada na cultura local. Apesar dos esforços sociais e da luta pela igualdade do gênero, ainda é possível perceber nas relações sociais, traços de desigualdade entre homens e mulheres, sobretudo em comunidades



tradicionais como a que estudamos. “Lutas travadas pelas mulheres renderam participação política, aumento do espaço público e uma liberdade de ação que buscou aproximar e equivaler o esforço de ambos os gêneros” (SILVA, 2000, p. 15). Não raro, entretanto, deparamo-nos com situações que se opõem aos direitos conquistados pelas mulheres ao longo dos anos, seja em representações midiáticas ou nas relações sociais cotidianas, “no fundo, continua-se a convidar os homens a brincar de soldadinhos e as mulheres a servirem de bonecas consigo próprias” (SILVA, 2000, p. 16). Cientes dessa realidade, principalmente pelo contexto cultural dos participantes do grupo focal, julgamos necessário confrontar as falas de pais e mães de família sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes.

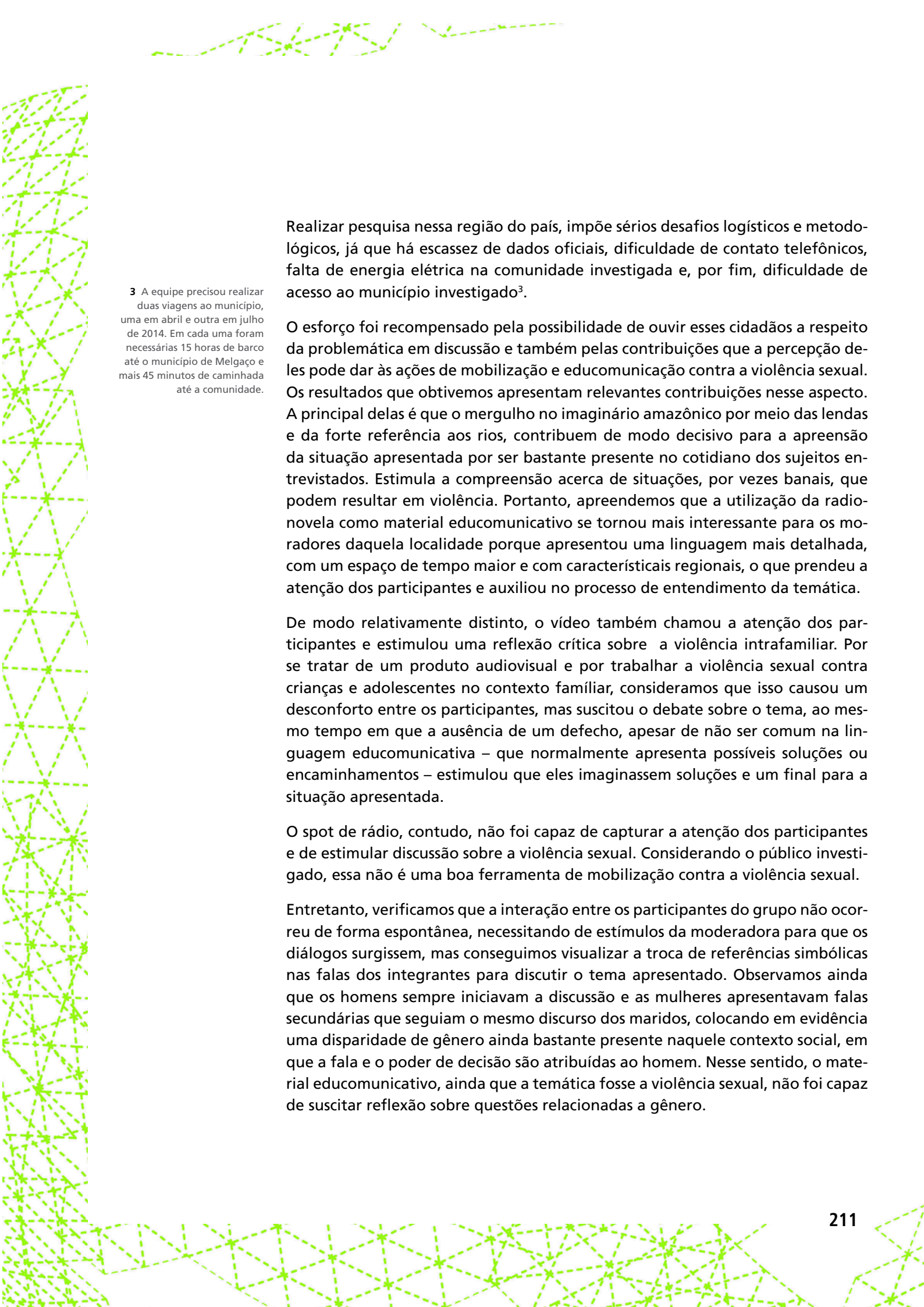
Nessa perspectiva, observamos que houve, durante a realização do grupo focal, predominância da iniciativa masculina nas discussões sobre os três materiais educacionais apresentados. As falas das integrantes do sexo feminino foram secundárias às dos homens e, mesmo havendo intervenção da moderadora no sentido de estimular a fala das participantes, notamos que as mulheres tendiam a esperar pela manifestação dos maridos antes de se pronunciarem sobre o tópico em discussão. Isso corrobora a naturalidade de processos de opressão baseados em gênero:

Mascaram-se desta forma as conquistas do gênero e mantêm-se a sociedade estática e culturalmente aprisionada aos padrões míticos que convertem tudo em natural. Surgem desta forma os comportamentos naturalmente masculinos (força, decisão, racionalidade, liberdade) e os comportamentos femininos (submissão, fragilidade, indecisão, dependência, emocionalidade) (SILVA, 2000, p. 17).

Ainda sobre o papel desempenhado por homens e mulheres no decorrer desta pesquisa, notamos que além da função secundária exercida pelas participantes na discussão, elas também demonstraram essa dependência no momento da escolha pela participação ou não no grupo focal. Ao visitarmos as famílias para convidá-las a participar da pesquisa, eram as esposas que nos recebiam e elas afirmavam que a participação do casal dependeria da decisão dos maridos, o que nos indica a prática naquela comunidade de delegar às decisões os homens.

Considerações finais

Nosso objetivo neste trabalho foi apresentar os resultados da pesquisa sobre relação entre cultura e educomunicação para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes no contexto amazônico. Para tanto, centramos nossa investigação no material educacional produzido pela ONG Rádio Margarida e realizamos pesquisa de campo, por meio de grupo focal, com três casais de uma comunidade ribeirinha do município de Melgaço (Marajó/PA).



3 A equipe precisou realizar duas viagens ao município, uma em abril e outra em julho de 2014. Em cada uma foram necessárias 15 horas de barco até o município de Melgaço e mais 45 minutos de caminhada até a comunidade.

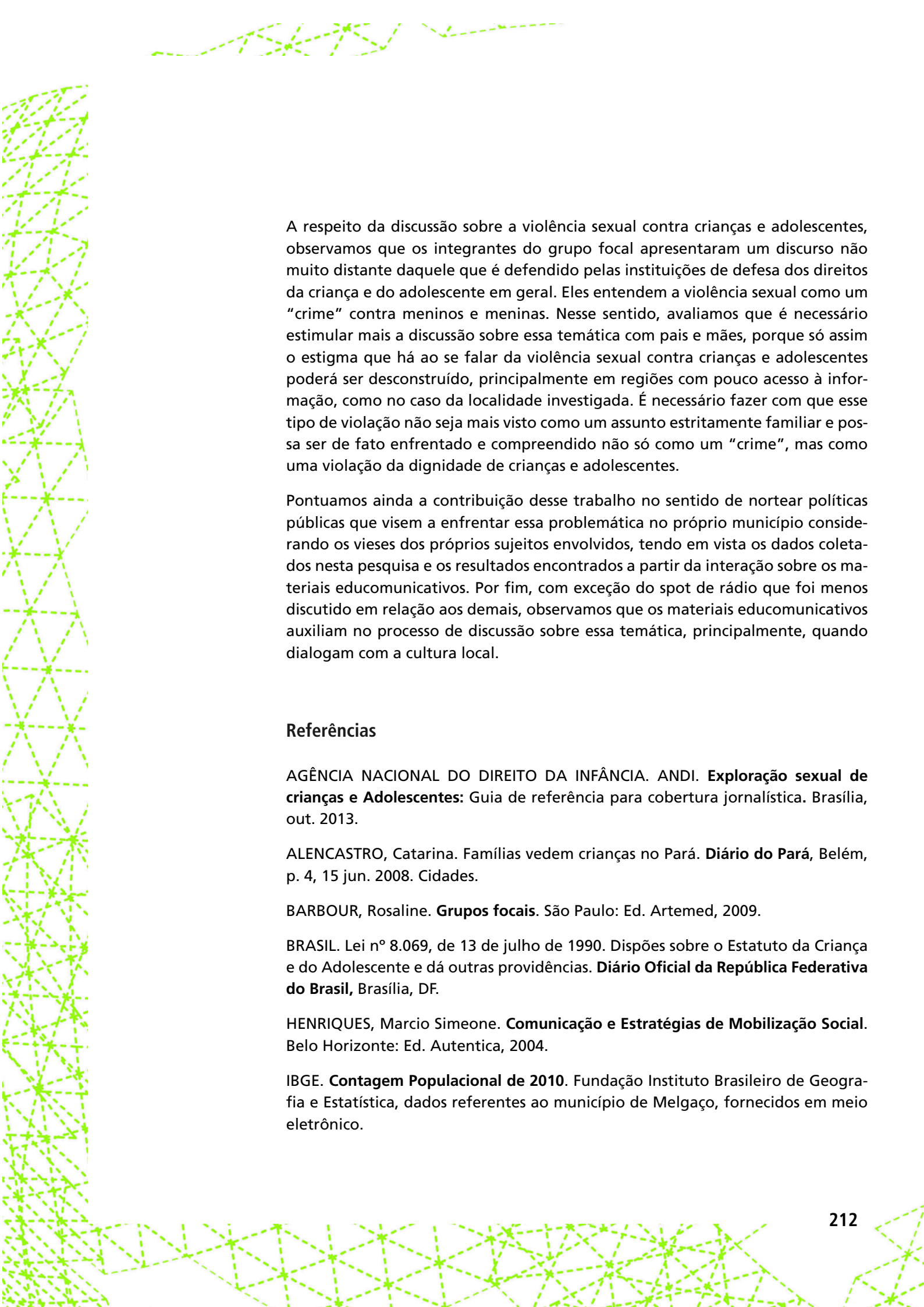
Realizar pesquisa nessa região do país, impõe sérios desafios logísticos e metodológicos, já que há escassez de dados oficiais, dificuldade de contato telefônicos, falta de energia elétrica na comunidade investigada e, por fim, dificuldade de acesso ao município investigado³.

O esforço foi recompensado pela possibilidade de ouvir esses cidadãos a respeito da problemática em discussão e também pelas contribuições que a percepção deles pode dar às ações de mobilização e educomunicação contra a violência sexual. Os resultados que obtivemos apresentam relevantes contribuições nesse aspecto. A principal delas é que o mergulho no imaginário amazônico por meio das lendas e da forte referência aos rios, contribuem de modo decisivo para a apreensão da situação apresentada por ser bastante presente no cotidiano dos sujeitos entrevistados. Estimula a compreensão acerca de situações, por vezes banais, que podem resultar em violência. Portanto, apreendemos que a utilização da radionovela como material educacional se tornou mais interessante para os moradores daquela localidade porque apresentou uma linguagem mais detalhada, com um espaço de tempo maior e com características regionais, o que prendeu a atenção dos participantes e auxiliou no processo de entendimento da temática.

De modo relativamente distinto, o vídeo também chamou a atenção dos participantes e estimulou uma reflexão crítica sobre a violência intrafamiliar. Por se tratar de um produto audiovisual e por trabalhar a violência sexual contra crianças e adolescentes no contexto familiar, consideramos que isso causou um desconforto entre os participantes, mas suscitou o debate sobre o tema, ao mesmo tempo em que a ausência de um defecho, apesar de não ser comum na linguagem educacional – que normalmente apresenta possíveis soluções ou encaminhamentos – estimulou que eles imaginassem soluções e um final para a situação apresentada.

O spot de rádio, contudo, não foi capaz de capturar a atenção dos participantes e de estimular discussão sobre a violência sexual. Considerando o público investigado, essa não é uma boa ferramenta de mobilização contra a violência sexual.

Entretanto, verificamos que a interação entre os participantes do grupo não ocorreu de forma espontânea, necessitando de estímulos da moderadora para que os diálogos surgissem, mas conseguimos visualizar a troca de referências simbólicas nas falas dos integrantes para discutir o tema apresentado. Observamos ainda que os homens sempre iniciavam a discussão e as mulheres apresentavam falas secundárias que seguiam o mesmo discurso dos maridos, colocando em evidência uma disparidade de gênero ainda bastante presente naquele contexto social, em que a fala e o poder de decisão são atribuídas ao homem. Nesse sentido, o material educacional, ainda que a temática fosse a violência sexual, não foi capaz de suscitar reflexão sobre questões relacionadas a gênero.



A respeito da discussão sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes, observamos que os integrantes do grupo focal apresentaram um discurso não muito distante daquele que é defendido pelas instituições de defesa dos direitos da criança e do adolescente em geral. Eles entendem a violência sexual como um “crime” contra meninos e meninas. Nesse sentido, avaliamos que é necessário estimular mais a discussão sobre essa temática com pais e mães, porque só assim o estigma que há ao se falar da violência sexual contra crianças e adolescentes poderá ser desconstruído, principalmente em regiões com pouco acesso à informação, como no caso da localidade investigada. É necessário fazer com que esse tipo de violação não seja mais visto como um assunto estritamente familiar e possa ser de fato enfrentado e compreendido não só como um “crime”, mas como uma violação da dignidade de crianças e adolescentes.

Pontuamos ainda a contribuição desse trabalho no sentido de nortear políticas públicas que visem a enfrentar essa problemática no próprio município considerando os vieses dos próprios sujeitos envolvidos, tendo em vista os dados coletados nesta pesquisa e os resultados encontrados a partir da interação sobre os materiais educacionais. Por fim, com exceção do spot de rádio que foi menos discutido em relação aos demais, observamos que os materiais educacionais auxiliam no processo de discussão sobre essa temática, principalmente, quando dialogam com a cultura local.

Referências

AGÊNCIA NACIONAL DO DIREITO DA INFÂNCIA. ANDI. **Exploração sexual de crianças e Adolescentes**: Guia de referência para cobertura jornalística. Brasília, out. 2013.

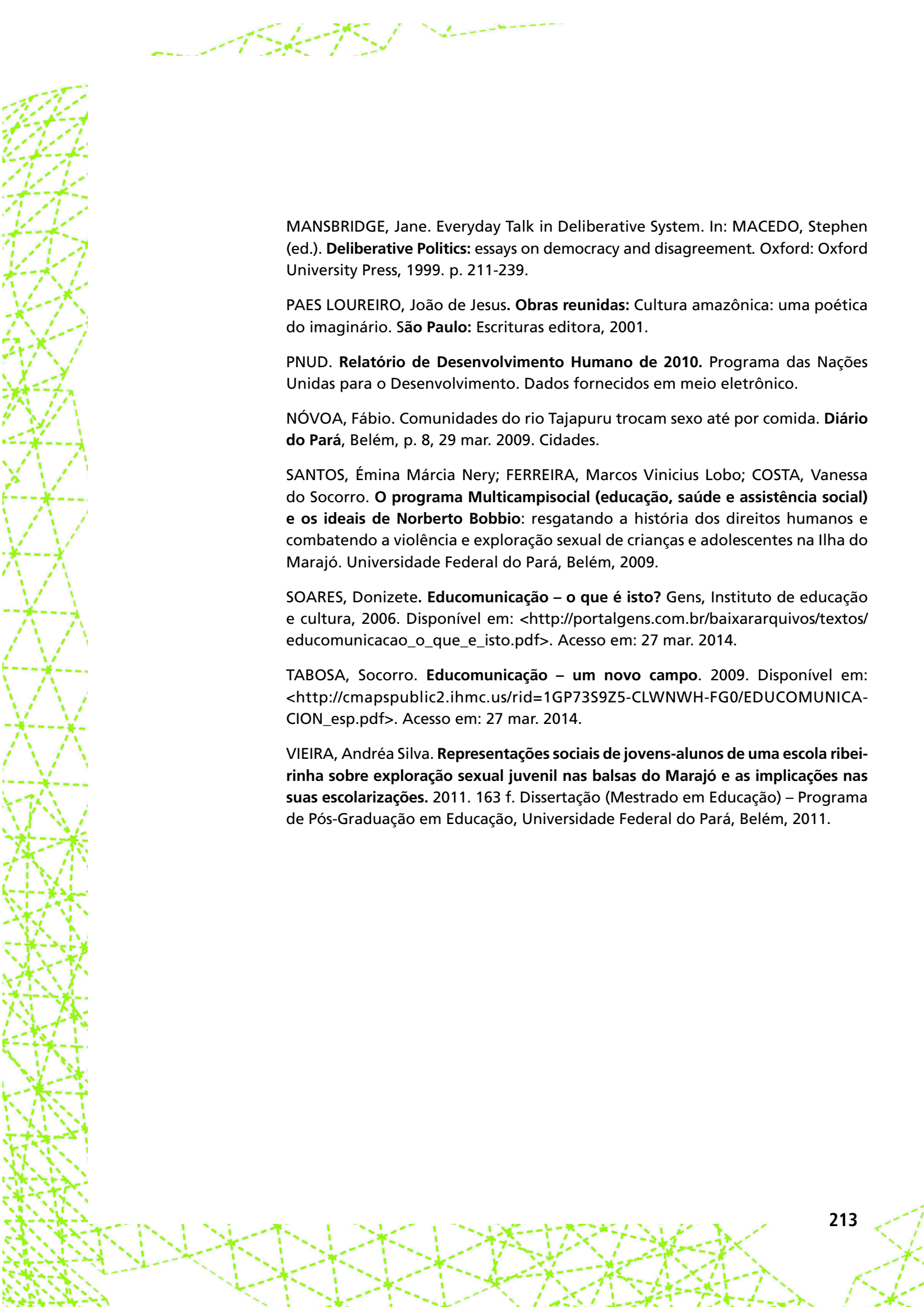
ALENCASTRO, Catarina. Famílias vedem crianças no Pará. **Diário do Pará**, Belém, p. 4, 15 jun. 2008. Cidades.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. São Paulo: Ed. Artemed, 2009.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispões sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF.

HENRIQUES, Marcio Simeone. **Comunicação e Estratégias de Mobilização Social**. Belo Horizonte: Ed. Autentica, 2004.

IBGE. **Contagem Populacional de 2010**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao município de Melgaço, fornecidos em meio eletrônico.



MANSBRIDGE, Jane. Everyday Talk in Deliberative System. In: MACEDO, Stephen (ed.). **Deliberative Politics: essays on democracy and disagreement**. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 211-239.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Obras reunidas: Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras editora, 2001.

PNUD. **Relatório de Desenvolvimento Humano de 2010**. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Dados fornecidos em meio eletrônico.

NÓVOA, Fábio. Comunidades do rio Tajapurú trocam sexo até por comida. **Diário do Pará**, Belém, p. 8, 29 mar. 2009. Cidades.

SANTOS, Émina Márcia Nery; FERREIRA, Marcos Vinicius Lobo; COSTA, Vanessa do Socorro. **O programa Multicampisocial (educação, saúde e assistência social) e os ideais de Norberto Bobbio: resgatando a história dos direitos humanos e combatendo a violência e exploração sexual de crianças e adolescentes na Ilha do Marajó**. Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

SOARES, Donizete. **Educomunicação – o que é isto?** Gens, Instituto de educação e cultura, 2006. Disponível em: <http://portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao_o_que_e_isto.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2014.

TABOSA, Socorro. **Educomunicação – um novo campo**. 2009. Disponível em: <http://cmapspublic2.ihmc.us/rid=1GP73S9Z5-CLWNWH-FG0/EDUCOMUNICACION_esp.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2014.

VIEIRA, Andréa Silva. **Representações sociais de jovens-alunos de uma escola ribeirinha sobre exploração sexual juvenil nas balsas do Marajó e as implicações nas suas escolarizações**. 2011. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.